

FASUL EDUCACIONAL **(Fasul Educacional EaD)**

PÓS-GRADUAÇÃO

DOCÊNCIA NO ENSINO DE DANÇA

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

DOCÊNCIA NO ENSINO DE DANÇA

DISCIPLINA: FORMAÇÃO DOCENTE PARA A DIVERSIDADE
RESUMO
A disciplina aborda com mais amplitude os temas de diversidade, diferença, e questões culturais e sociais contemporâneas, como gênero, sexualidade, relações raciais e étnicas, relações etárias e geracionais e educação especial. Tais questões estão no centro de muitos debates atuais. Pensar as diferenças a partir de uma perspectiva plural é fundamental para todos (as) que se debruçaram a estudar qualquer área das humanidades.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
AULA 1 CONCEITUAR A DIVERSIDADE OS DEBATES DE DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO ESTABELECIDOS E EXCLUÍDOS – SITUANDO A DIFERENÇA ENTENDENDO ALTERIDADE, DIVERSIDADE, DIFERENÇA E CULTURA DIVERSIDADE NA LDBEN
AULA 2 O QUE É GÊNERO? O QUE É SEXUALIDADE? GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO GÊNERO E SEXUALIDADE NA SALA DE AULA CONQUISTAS PARA O FUTURO
AULA 3 RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO BRASIL AS DIFERENTES RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA SALA DE AULA CONQUISTAS PARA O FUTURO
AULA 4 QUESTÕES DE CLASSE E DE STATUS SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL CAMPO E CIDADE CURRÍCULOS E PROJETO PEDAGÓGICO CULTURA E AS DIFERENÇAS DE CLASSE
AULA 5 EDUCAÇÃO ESPECIAL EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) DIFERENÇAS GERACIONAIS POLÍTICAS DE INCLUSÃO A INCLUSÃO NO AMBIENTE ESCOLAR
AULA 6 REPENSANDO A DIVERSIDADE RELACIONAR OS TEMAS

DISCRIMINAÇÃO E EDUCAÇÃO
BULLYING E O ESPAÇO ESCOLAR
A ATUAÇÃO EM SALA DE AULA

BIBLIOGRAFIAS

- PAULA, C.R. Educar para a diversidade: entrelaçando redes, saberes e identidades. Curitiba: InterSaberes, 2013.
- RODRIGUES, T.C.; ABRAMOWICZ, A. O debate contemporâneo sobre a diversidade e a diferença nas políticas e pesquisas em educação. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 15-30, 2013.
- MICHALISZYN, M.S. Educação e diversidade. Curitiba: InterSaberes, 2012.

DISCIPLINA:
ARTE E CULTURA

RESUMO

O objetivo deste material é compreender os conceitos de cultura e culturas populares, tendo como ciências norteadoras a história e a antropologia. A ideia proposta é nos desvencilhar de concepções pré-concebidas e tentar compreender a importância de um olhar mais analítico sobre as culturas. Também é importante superar a ideia de que conhecimento formal ou condição social privilegiada são sinônimos de ter cultura. A história, por sua vez, nos fará perceber como os intelectuais, ao longo do tempo, foram transformando os seus olhares sobre o tema e valorizando tanto a diversidade quanto às dimensões populares das culturas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

O CONCEITO ANTROPOLÓGICO DE CULTURA
ETNOCENTRISMO
RELATIVISMO E ALTERIDADE
CULTURAS POPULARES: UM CONCEITO PLURAL
FOLCLORE VERSUS CULTURA POPULAR

AULA 2

IDENTIDADE CULTURAL BRASILEIRA: REFERÊNCIAS HISTÓRICAS
CULTURA POPULAR NACIONAL EM SÍLVIO ROMERO E MÁRIO DE ANDRADE
INTELECTUAIS E ESTADO: ENTRE O POPULAR E O NACIONAL
O NACIONAL E O LOCAL
AS IDENTIDADES REGIONAIS: POPULAR VERSUS MODERNO

AULA 3

CULTURAIS MUNDIALIZADAS
CULTURA POPULAR E CULTURA DE MASSAS
URBANIDADE E MODERNIZAÇÃO
PATRIMÔNIO IMATERIAL
MESTRES E MESTRAS

AULA 4

ARTE OU ARTESANATO?
A MÚSICA POPULAR BRASILEIRA E A MÚSICA POPULAR DO BRASIL
O SAMBA E O NACIONAL-POPULAR
MÚSICA, RITUAL E RITMOS REGIONAIS
PATRIMONIALIZAÇÃO E PRESERVAÇÃO DAS ARTES POPULARES

AULA 5

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA RELIGIOSIDADE BRASILEIRA
O TRÂNSITO, A PLURALIDADE E O SINCRETISMO RELIGIOSO
CONVIVÊNCIA RELIGIOSA
RELATOS DE CAMPO
O CULTO AOS SANTOS NÃO OFICIAIS

AULA 6

NARRATIVAS POPULARES: MITOS
NARRATIVAS POPULARES: LENDAS
O TRABALHO COLETIVO COMO FESTA
A ARQUITETURA POPULAR
A FOLKCOMUNICAÇÃO

BIBLIOGRAFIAS

- VIVEIROS DE CASTRO, M. Laura. Cultura e saber do povo: uma perspectiva antropológica. Revista Tempo Brasileiro. Patrimônio Imaterial. Rio de Janeiro. n. 147, pp. 69-78, 2001. Disponível em: http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Cultura_e_Saber/CNFCP_Cultura_Saber_do_Povo_Maria_Laura_Cavalcanti.pdf. Acesso em: 5 jul. 2017.
- LAPLANTINE, F. Aprender Antropologia. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- AYALA, M.; AYALA, M. I. Cultura popular no Brasil. São Paulo: Ática, 1987.

DISCIPLINA:

TEORIA E PRÁTICA DAS ARTES CÊNICAS

RESUMO

O cinema é arte que fascina o homem desde sua criação, há mais de 120 anos. A arte cinematográfica passou por muitas mudanças ao longo do tempo, e aqui abordaremos especialmente seus primórdios.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO
A CRIAÇÃO OFICIAL DO CINEMA
O CINEMA-ESPETÁCULO
DO CINEMA ARTESANAL AO CONCEITO DE CINEMA INDUSTRIAL
O INÍCIO DO CINEMA EM OUTROS PAÍSES

AULA 2

INTRODUÇÃO
A SENSAÇÃO DE "REALIDADE" DO CINEMA
A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA
A SEMIÓTICA APLICADA À LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA
A IDEOLOGIA E A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA

AULA 3

INTRODUÇÃO
OS DIFERENTES ÂNGULOS DE CÂMERA E SEUS EFEITOS
PLANO
CAMPO
RITMO

AULA 4

INTRODUÇÃO
CONTINUIDADE
MONTAGEM
MISE EN SCÈNE
ATORES

AULA 5

INTRODUÇÃO
A CHEGADA DO CINEMA "FALADO"
O SOM E SUAS VERTENTES NO CINEMA
A COR NO CINEMA
A LUZ NO CINEMA

AULA 6

INTRODUÇÃO
OS GÊNEROS CINEMATOGRAFICOS
ROTEIRO
ENREDO
ESTILO E ORIGINALIDADE DOS CINEASTAS

BIBLIOGRAFIAS

- NEPOMUCENO, L. P. O. Cinema, tecnologia e administração: o uso da linguagem cinematográfica como apoio à disciplina Teoria Geral da Administração. Dissertação (Mestrado) – Centro Universitário Uninter. Curitiba, 2018.
- CARRIÈRE, J-C. A linguagem secreta do cinema. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- NAPOLITANO, M. Como usar o cinema na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2015.

DISCIPLINA:

CORPO, DANÇA, EXPRESSÃO E MOVIMENTO

RESUMO

Para iniciarmos nossos estudos sobre a linguagem da dança, é imprescindível refletirmos sobre seus significados em diferentes espaços, os quais podem ser culturais/locais ou até mesmo temporais. Além disso, é necessário estudarmos sobre a ferramenta pela qual a dança torna-se possível: o corpo humano, que tem um funcionamento complexo e harmônico e é carregado de diferentes significados para cada povo.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO
CONCEPÇÃO DE CORPO
ANATOMIA E FISIOLOGIA HUMANA
MOTRICIDADE HUMANA
CORPO E CULTURA

AULA 2

INTRODUÇÃO
CIVILIZAÇÕES ANTIGAS
IDADE MÉDIA

CORTES EUROPEIAS E BALLETT CLÁSSICO
DANÇA MODERNA

AULA 3

INTRODUÇÃO
DANÇA CONTEMPORÂNEA
A DANÇA NO BRASIL
PRINCIPAIS COMPANHIAS DE DANÇA NO BRASIL
PRINCIPAIS FESTIVAIS DE DANÇA NO BRASIL

AULA 4

INTRODUÇÃO
OS DOCUMENTOS OFICIAIS
LEI DE DIRETRIZES E BASES (LDB) E A DANÇA
PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCN)
BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)

AULA 5

INTRODUÇÃO
LABAN: ESTUDO DOS MOVIMENTOS
REFLEXÕES DE ISABEL MARQUES
REFLEXÕES DE MÁRCIA STRAZZACAPPA
REFLEXÕES DE GISELE ONUKI

AULA 6

INTRODUÇÃO
CONCEITOS DE VIDEODANÇA
CUNNINGHAM: O PIONEIRO DA VIDEODANÇA
ANALÍVIA CORDEIRO: VIDEODANÇA NO BRASIL
O QUE ENVOLVE A PRODUÇÃO DE UMA VIDEODANÇA

BIBLIOGRAFIAS

- FLORES, M. B. R. Corpo e imagens replicantes. Seminário de Danças E por falar em... Corpo performático fazeres e dizeres na dança. Instituto Festival de dança de Joinville. Joinville: Nova Letra, 2013. Disponível em: http://www.ifdj.com.br/site/wp-content/uploads/2015/10/VI-Seminarios-deDanca-E-por-falar-em...CORPO-PERFORMATICO_Varios-Autores.pdf. Acesso em: 22 jun. 2019.
- MARQUES, I. A. Linguagem da dança: arte e ensino. São Paulo: Digitexto, 2010.
- BERTAZZO, I. Corpo vivo – Reeducação do movimento. Colaboração de Ana Marta Nunes Zanolli, Geni Gandra, Juliana Storto e Liza Ostemayer. São Paulo: Edições SESC SP, 2010.

DISCIPLINA:
PRÁTICAS LÚDICAS

RESUMO

Para iniciarmos esta disciplina, convidamos você a pensar em duas questões: O que é lúdico? O que é ludicidade? Arriscamos afirmar que não seria muito complicado propor algumas ideias gerais e respostas para essas questões. Isso acontece porque, de certa forma, o uso dos termos lúdico e ludicidade se popularizou e vários sentidos são compartilhados por sujeitos e instituições, seja para referir-se ao comportamento de um

indivíduo, usar como estratégia de marketing para vender produtos ou serviços ou referir-se a objetos ou jogos.

O uso dos termos lúdico e ludicidade também é comum entre os educadores. Influenciado por seu contexto e referencial teórico, cada autor atribui um determinado sentido a esses termos. Ora lúdico é o jogo, o material, ora a pessoa ou a aula, por exemplo.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

SENTIDOS E SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS À LUDICIDADE

PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA LUDICIDADE

CONTRIBUIÇÕES DE LEV VYGOTSKY E JEAN PIAGET

CONTRIBUIÇÕES DE JOHAN HUIZINGA

CONTRIBUIÇÕES DE ROGER CAILLOIS

AULA 2

JOGO, BRINQUEDO E BRINCADEIRA

A BRINCADEIRA: O SIGNIFICADO DO FAZ DE CONTA NA VIDA DA CRIANÇA

A TRANSDISCIPLINARIDADE DO BRINCAR

DIFERENTES TIPOS DE LINGUAGEM: MÚSICA, ARTE E MOVIMENTO

O PRINCÍPIO DA INCLUSÃO NA BRINCADEIRA INFANTIL

AULA 3

ENTRE O CONHECIMENTO E A PERCEPÇÃO PESSOAL SOBRE LUDICIDADE

SABERES E COMPETÊNCIAS DO PROFESSOR

CAMINHOS DA FORMAÇÃO CONTINUADA: SABER PRÁTICO E SABER TEÓRICO

O LÚDICO E A EDUCAÇÃO INFANTIL

O LÚDICO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

AULA 4

AS FUNÇÕES DO JOGO NA EDUCAÇÃO: PRAZER E DESENVOLVIMENTO DE SABERES

O JOGO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM: DESAFIOS E OPORTUNIDADES

CLASSIFICAÇÃO E UTILIZAÇÃO DOS JOGOS (PIAGET)

JOGOS DIGITAIS COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM

ABORDAGEM LÚDICO-DIDÁTICA

AULA 5

PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DO LAZER

ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS DE LAZER: BRINQUEDOTECA

RECREIO ESCOLAR

EDUCAR PARA O LAZER

MOVIMENTO, RITMO, MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

AULA 6

BRINQUEDO: CONSIDERAÇÕES FUNDAMENTAIS

BRINQUEDO: PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM

BRINQUEDOS NÃO ESTRUTURADOS

BRINQUEDOS COM MATERIAIS RECICLÁVEIS

BRINQUEDO ELETRÔNICO

BIBLIOGRAFIAS

- MASSA, M. de S. Ludicidade: da etimologia da palavra à complexidade do conceito. Aprender – Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação, [S.l.], n. 15, dez. 2017. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/2460>. Acesso em: 14 out. 2019.
- KISHIMOTO, T. M. (Org.). Jogo, brinquedo, brincadeira e educação. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- HUIZINGA, J. H. L.: O jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1999. (Coleção Estudos).

DISCIPLINA:

ATIVIDADES RÍTMICAS E DANÇA

RESUMO

A ginástica constitui um conteúdo de certa forma dicotômico, pois apesar de possibilitar a base para uma diversidade de outros movimentos, práticas corporais e esportes, ela em si pode ser composta de elementos complexos e de dificuldade de ensino.

Nosso estudo, durante as aulas seguintes, permeia o conhecimento geral sobre a ginástica, seus elementos funcionais, o ensino, o processo escolar e o planejamento, além das modalidades de ginásticas previstas para a escola. O resultado desse percurso será uma reflexão desafiadora do que fazemos cotidianamente de forma corriqueira, ou seja, um olhar diferente e mais aguçado para as estratégias diárias de planejar, escolher e organizar nossas aulas.

Os temas principais desta disciplina são:

1. Os processos históricos da ginástica;
2. Aspectos técnicos – grupos corporais (elementos corporais);
3. Ensino da ginástica;
4. Considerações acerca do ensino da ginástica;
5. Relação professor e estudante.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO

GRUPOS CORPORAIS (ELEMENTOS CORPORAIS)

ENSINO DA GINÁSTICA

CONSIDERAÇÕES ACERCA DO ENSINO DA GINÁSTICA

RELAÇÃO PROFESSOR E ESTUDANTE

AULA 2

INTRODUÇÃO

METODOLOGIA DE TRABALHO SUGERIDA PELA BNCC

DIRETRIZES PARA O ENSINO DA GINÁSTICA – ENSINO MÉDIO

PLANEJAMENTO

SISTEMATIZAÇÃO DE AULAS

AULA 3

INTRODUÇÃO

GINÁSTICA PARA TODOS

UTILIZAÇÃO DE MATERIAIS ALTERNATIVOS

PROCESSO DE COLABORAÇÃO E COLETIVIDADE

O CIRCO COMO POSSIBILIDADE

AULA 4

INTRODUÇÃO

ROTINAS OBRIGATÓRIAS OU ESTRUTURAÇÃO DOS EXERCÍCIOS
SEGURANÇA NA MACRO
GINÁSTICA ACROBÁTICA NA ESCOLA
INCLUSÃO E AFETIVIDADE

AULA 5

INTRODUÇÃO
APARELHOS DA GINÁSTICA RÍTMICA
GINÁSTICA ARTÍSTICA
APARELHOS DA GINÁSTICA ARTÍSTICA
CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS GINÁSTICAS RÍTMICA E ARTÍSTICA

AULA 6

INTRODUÇÃO
CONTEXTOS DE EXPRESSIVIDADE
COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA
SISTEMA DE VARIÁVEIS E EXEMPLO DE UTILIZAÇÃO
EVENTOS GÍMNICOS

BIBLIOGRAFIAS

- CAETANO, A. P. F. et al. Vivenciando Ginástica: analisando as preferências gímnicas na disciplina ginástica geral do curso de educação física da universidade federal do Ceará. Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 13, n. especial, p. 197-210, maio 2015.
- ARAUJO, S. N. de.; Samuel Nascimento De Araújo; MÜRMAN, C. V. V. E. Ginástica enquanto conteúdo integrante da Educação Física escolar: um relato de experiência: La Gimnasia como contenido de la Educación Física escolar: relato de una experiencia. EFDeportes.com: Revista Digital, Buenos Aires, ano 16, n. 159, ago. 2011.
- DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DISCIPLINA:

ESTÉTICA DA ARTE

RESUMO

Os capítulos foram organizados para que seja possível compreender o que é ser criativo na música, perceber quando um aluno é criativo, e saber propor atividades que estimulem um ambiente propício à criação. Para isso, um percurso foi traçado de modo que as primeiras aulas são dedicadas a discussões sobre o significado da criatividade, os elementos que devem ser considerados para identificar quando ela ocorre e as formas como esse tema tem sido investigado.

Em seguida, apresentamos as formas de pensar a criatividade na área da música, e então seguimos para abordagens práticas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO
CRIATIVIDADE COMO ALGO NOVO E ÚTIL
CRIATIVIDADE E IMAGINAÇÃO
O CONHECIMENTO E A REALIZAÇÃO CRIATIVA
APRENDIZAGEM CRIATIVA

AULA 2

INTRODUÇÃO

ABORDAGEM PSICOMÉTRICA

ABORDAGEM SISTÊMICA

TEORIA DO INVESTIMENTO EM CRIATIVIDADE DE STERNBERG

MOTIVAÇÃO

PROCESSO COGNITIVO

AULA 3

INTRODUÇÃO

O QUE, NA MÚSICA, É CRIATIVO?

ASPECTOS COGNITIVOS DA ESCUTA MUSICAL CRIATIVA

FUNÇÃO DO PROFESSOR NO PROCESSO CRIATIVO

IMPLICAÇÕES PRÁTICAS: PESSOA CRIATIVA, PROCESSO CRIATIVO E PRODUTO CRIATIVO

AULA 4

INTRODUÇÃO

O PENSAMENTO CRIATIVO EM MÚSICA

TEORIA DO FLUXO

CRIATIVIDADE E COMPOSIÇÕES EM SALA DE AULA

CRIATIVIDADE E TECNOLOGIA

AULA 5

INTRODUÇÃO

IMITAÇÃO COM VARIAÇÃO

TROCA DE TURNO/CORRELAÇÃO E TEMPO REGULAR DOS TURNOS

A PEDAGOGIA DA INTERAÇÃO REFLEXIVA PARA A CRIATIVIDADE MUSICAL

CRIATIVIDADE E INTERAÇÃO REFLEXIVA

AULA 6

INTRODUÇÃO

A CRIATIVIDADE POR MEIO DA IMPROVISAÇÃO

ATIVIDADES INTERATIVAS-REFLEXIVAS

ESTIMULANDO A CRIATIVIDADE EM PRÁTICAS DE CONJUNTO

AVALIANDO A CRIATIVIDADE

BIBLIOGRAFIAS

- BARRETT, M. O conto de um elefante: explorando o Quê, o Quando, o Onde, o Como e o Porquê da Criatividade. Música, psicologia e educação, n. 2, 2000.
- BEINEKE, V. Ensino musical criativo em atividades de composição na escola básica. Revista da ABEM, Londrina, v. 23, n. 34, p. 42-57, 2015.
- ELLIOTT, D.; SILVERMAN, M. Music Matters: A Philosophy of Music Education. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2015.
Creativity as creative thinking. In: RICHMOND, J. W.; HICKEY, M. (Ed.) Coming about: A retrospective review of, and reflections on, the writings of Peter Webster. California: S.n., 2014. p. 1-14.

DISCIPLINA:

EDUCAÇÃO SUPERIOR E AÇÃO DOCENTE

RESUMO

Teremos como objetivo geral conhecer aspectos gerais sobre o histórico e o conceito de profissionalização docente e como respectivos objetivos específicos: Conhecer o conceito de trabalho docente; Compreender aspectos importantes sobre a formação docente; Conceitualizar a profissionalização docente; Apresentar as características da autonomia e da identidade docente; Identificar conhecimentos necessários à formação de professores. Todos os itens a serem trabalhados visam propiciar a reflexão crítica sobre os assuntos, de modo que seja possível relacionar a teoria estudada com aspectos importantes da prática pedagógica.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

TRABALHO DOCENTE
FORMAÇÃO DOCENTE
PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE
AUTONOMIA E IDENTIDADE DOCENTE
CONHECIMENTOS NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR

AULA 2

ASPECTOS LEGAIS DA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE
LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL
DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS DOS CURSOS DE LICENCIATURA
A FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM NÍVEL MÉDIO
O PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

AULA 3

FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PEDAGOGIA TRADICIONAL
FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PEDAGOGIA ESCOLANOVISTA
FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PEDAGOGIA TECNICISTA
FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PEDAGOGIA LIBERTADORA
FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

AULA 4

CRÍTICA À RACIONALIDADE TÉCNICO-INSTRUMENTAL
O PROFESSOR REFLEXIVO E A PESQUISA SOBRE A PRÁTICA
A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO
A ESCOLA: LUGAR DA FORMAÇÃO
EAD, TECNOLOGIAS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

AULA 5

FORMAÇÃO CONTINUADA
CONDIÇÕES DE TRABALHO
CARREIRA DOCENTE
VALORIZAÇÃO PROFISSIONAL
SINDICATOS E ASSOCIAÇÕES DE CLASSE

AULA 6

SER PROFESSOR NA CONTEMPORANEIDADE
O PROFESSOR PESQUISADOR

A PESQUISA SOBRE A PRÁTICA
A PESQUISA COLABORATIVA
DESAFIOS E INSEGURANÇAS DA FORMAÇÃO DOCENTE NA ATUALIDADE

BIBLIOGRAFIAS

- ALMEIDA, C. M. de; SOARES, K. C. D. Professor de Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental: aspectos históricos e legais da formação. Curitiba: IBPEX, 2011.
- SOARES, K. C. D. Trabalho Docente e Conhecimento. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- ROMANOWSKI, J. P. Formação e profissionalização docente. 3. ed. Curitiba: IBPEX, 2007.

DISCIPLINA:

PSICOMOTRICIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR

RESUMO

Qual é a relação da motricidade com os processos do pensamento? O comportamento motor tem, diretamente, uma relação com as emoções, a afetividade, o social? A resposta assertiva para essas questões é sim. O motivo que se pode investigar é que há uma interligação do pensar e da efetividade motriz. Para Wallon (Fonseca, 2008, p.15-16), a motricidade corresponde à primeira sequência paralela e simultânea que é criada estruturalmente relacionada com o meio, e é considerada um instrumento essencial dos processos de pensamento e suas interações com a vida de um modo geral. Outro ponto importante também citado por Fonseca (2008, p. 16-17) são as fases de maturação biológica referentes ao movimento e ao pensamento, desde os meses iniciais de vida, bem como na primeira fase do bebê na qual ele passa de deitado para sentado. Posteriormente, ele evolui do sentar para o engatinhar, em seguida para o andar e o correr, mas isso ocorre de acordo com a maturação e o envolvimento do ser junto ao meio social, ou seja, há uma demanda do ambiente por meio da influência de outros humanos ou até mesmo de estímulos relacionados a objetos, como brinquedos, roupas e outros acessórios, uma vez que a criança procura se relacionar com os objetos, o que é uma sociointeração, e, assim, tem construções de pensamento. A partir disso, tem uma maturação de outros processos cognitivos, como linguagem, memória, atenção, percepção, planejamento etc.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

DESENVOLVIMENTO NEUROPSICOMOTOR E O APRENDIZADO EM DIVERSOS CONTEXTOS

ASPECTOS NEUROBIOLÓGICOS DO COMPORTAMENTO MOTOR

EMOÇÕES, AFETIVIDADE E O COMPORTAMENTO MOTOR

PROCESSOS INTEGRADORES DA LINGUAGEM E O DESENVOLVIMENTO NEUROPSICOMOTOR

PRÁTICAS PSICOPEDAGÓGICAS E PSICOMOTRICIDADE

AULA 2

LUDICIDADE E PSICOMOTRICIDADE

PSICOGÊNESE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO

CONTRIBUIÇÕES DA EPISTEMOLOGIA GENÉTICA DE PIAGET AO PROCESSO NEUROPSICOMOTOR

APRENDIZAGEM E COORDENAÇÃO MOTORA FINA

PLASTICIDADE CEREBRAL E COMPORTAMENTO NEUROPSICOMOTOR

AULA 3

PROCESSOS COGNITIVOS E COMPORTAMENTO MOTOR: PENSAR, AGIR E EXECUÇÃO
BRINCADEIRA É COISA SÉRIA PARA A MENTE: QUANDO O BRINCAR CONTRIBUI PARA A MOTRICIDADE
EDUCAÇÃO PSICOMOTORA E SUAS HABILIDADES MENTAIS VISUAIS
PSICOMOTRICIDADE E FUNCIONAMENTO CORTICAL: INTEGRAÇÃO BIOLÓGICA E O SOCIAL
PSICOMOTRICIDADE, PROCESSOS COGNITIVOS E NEUROFUNCIONALIDADE: A CONTRIBUIÇÃO DA ESCOLA RUSSA

AULA 4

NEUROPSICOMOTRICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTO JUVENIL: UM PREPARO PARA AS DEMAIS FASES DO DESENVOLVIMENTO
NEUROPSICOMOTRICIDADE, APRENDIZAGEM E ENVELHECÊNCIA
INTERVENÇÕES PSICOMOTORAS NAS FASES DO DESENVOLVIMENTO EM RELAÇÃO À DEFICIÊNCIA INTELECTUAL
TRANSTORNOS DE COORDENAÇÃO MOTORA E O APRENDER
DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR E FORMAÇÃO DE EDUCADORES

AULA 5

NEUROPSICOMOTRICIDADE NO CONTEXTO FAMILIAR
NEUROPSICOMOTRICIDADE COMO FERRAMENTA DO DESENVOLVIMENTO ESCOLAR
NEUROPSICOMOTRICIDADE, DEFICIÊNCIA MOTORA E ATIVIDADE FÍSICA
DESENVOLVIMENTO NEUROPSICOMOTOR NA MÚSICA
ATIVIDADE NEUROPSICOMOTORA, CRIATIVIDADE E JOGOS

AULA 6

PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL E OS PROCESSOS PSICOLÓGICOS
PSICOMOTRICIDADE E NEUROCIÊNCIAS
PSICOMOTRICIDADE E NEUROPSICOLOGIA
PSICOPEDAGOGIA E NEUROPSICOMOTRICIDADE
PSICOLOGIA DO COMPORTAMENTO, ADAPTAÇÃO, APRENDIZAGEM E PSICOMOTRICIDADE

BIBLIOGRAFIAS

- HOLANDA, V. N. et al. As bases biológicas do medo: uma revisão sistemática da literatura. Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia, v. 1, n. 3, 2013.
- COSENZA, R.; GUERRA, L. Neurociência e educação. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GAZZANIGA, M. S. Ciência psicológica: mente, cérebro e comportamento. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 314 – 341.

DISCIPLINA:

METODOLOGIAS ATIVAS NA EDUCAÇÃO

RESUMO

A educação é um meio único para trazer mudanças sociais, porém, devido às diversas mudanças na sociedade, surge a necessidade de introduzir mudanças também no sistema educacional. Neste contexto, as metodologias devem oportunizar o cumprimento dos objetivos desejados. Sendo assim, para que os estudantes se tornem participativos, torna-

se fundamental a adoção de metodologias que os envolvem e atividades cada vez mais criativas e elaboradas. Nesse sentido, para tratar dessas possibilidades as Metodologias Ativas se tornam essenciais, pois a partir delas se concebe a sala de aula como um espaço vivo, de trocas, resultados e pesquisas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO

O QUE É ENSINO?

METODOLOGIAS DE ENSINO

METODOLOGIAS ATIVAS: CONCEITUAÇÃO

SURGIMENTO DAS METODOLOGIAS ATIVAS: CONTEXTO HISTÓRICO

AULA 2

INTRODUÇÃO

METODOLOGIAS ATIVAS E TEORIAS DA APRENDIZAGEM

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA – CONCEITO

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA – HISTÓRICO

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E SUA RELAÇÃO COM AS METODOLOGIAS ATIVAS

AULA 3

INTRODUÇÃO

METODOLOGIAS ATIVAS E FORMAÇÃO DOCENTE

METODOLOGIAS ATIVAS E TECNOLOGIAS

METODOLOGIAS ATIVAS E A FORMAÇÃO DE COMPETÊNCIAS

TIPOS DE METODOLOGIAS ATIVAS

AULA 4

INTRODUÇÃO

CULTURA DIGITAL

APRENDER COM TECNOLOGIAS: NOVOS CAMINHOS

A SALA DE AULA HOJE: ESPAÇOS DIVERSOS

METODOLOGIAS ATIVAS, ENSINO A DISTÂNCIA E ENSINO HÍBRIDO

AULA 5

INTRODUÇÃO

EDUCAÇÃO INCLUSIVA

O ALUNO E SUA RELAÇÃO COM A APRENDIZAGEM

O PAPEL DO PROFESSOR NA PERSPECTIVA INCLUSIVA

METODOLOGIAS ATIVAS COMO ESTRATÉGIA PARA UMA EDUCAÇÃO MAIS INCLUSIVA

AULA 6

INTRODUÇÃO

ESTUDO DE CASO E SALA DE AULA INVERTIDA

APRENDIZAGEM BASEADA EM PROJETOS

GAMIFICAÇÃO, DESIGN THINKING E CULTURA MAKER

METODOLOGIAS ATIVAS E AVALIAÇÃO

BIBLIOGRAFIAS

- FLIPPED LEARNING NETWORK (FLN). The four pillars of F-L-I-P. South Bend, IN: Flipped Learning, 2014. Disponível em: <http://www.flippedlearning.org/domain/46>.
- MORALES, O. E. T. (Org.) Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol. II. PG: Foca FotoPROEX/UEPG, 2015. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wpcontent/uploads/2013/12/mudando_moran. Acesso em: 20 ago. 2018.
- Sala de aula invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem. Rio de Janeiro: LTC, 2016.

DISCIPLINA:

SOCIOEDUCAÇÃO - INTRODUÇÃO À JUSTIÇA RESTAURATIVA

RESUMO

Nesta disciplina sobre a Justiça Restaurativa (JR), pretende-se abordar os conceitos principais desta prática. Para isso, precisaremos visitar alguns entendimentos a respeito do conflito e da violência que ajudam a compor o nosso modelo atual de justiça. Em paralelo, abordaremos a necessidade de mudar a forma retributiva com a qual olhamos para os conflitos, trocando nossas lentes para a restauração. Apresentaremos, ainda, um histórico do conceito de JR e seus princípios de atuação.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

CONFLITO E VIOLÊNCIA
CONCEITO DE JUSTIÇA
MODELO BÍBLICO VERSUS MODELO RETRIBUTIVO
HISTÓRICO DA JUSTIÇA RESTAURATIVA
PRINCÍPIOS DA JUSTIÇA RESTAURATIVA

AULA 2

PRÁTICAS RESTAURATIVAS
ENCONTROS VÍTIMA-OFENSOR
CÍRCULO RESTAURATIVO
CONFERÊNCIAS DE GRUPOS FAMILIARES
JUNTA DE FACILITAÇÃO

AULA 3

O DIREITO PENAL ENQUANTO REFORÇO DO STATUS QUO
JUSTIÇA RESTAURATIVA COMO AGENTE TRANSFORMADORA DO DIREITO PENAL
A JUSTIÇA RESTAURATIVA NA LEGISLAÇÃO BRASILEIRA
IMPORTÂNCIA DA ABORDAGEM RESTAURATIVA NO ÂMBITO PENAL
MÉTODOS RESTAURATIVOS NO ÂMBITO PENAL

AULA 4

O QUE FAZ O MEDIADOR E COMO CAPACITAR-SE PARA A FUNÇÃO
JUSTIÇA RESTAURATIVA NO CAMPO DA JUVENTUDE
CRIANÇA E ADOLESCENTE NO SISTEMA JURÍDICO TRADICIONAL
O QUE É ATO INFRACIONAL
JUSTIÇA RESTAURATIVA COMO FORMA DE ATUAÇÃO FRENTE AOS ATOS INFRACIONAIS

AULA 5

CARACTERIZANDO AS MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS
ENTENDENDO O SISTEMA NACIONAL DE ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO
FUNDAMENTOS DO TRABALHO SOCIOEDUCATIVO
JUSTIÇA RESTAURATIVA NA SOCIOEDUCAÇÃO
SOCIOEDUCAR TAMBÉM É TROCAR LENTES

AULA 6

POSSIBILIDADES DE APLICAÇÃO DOS CÍRCULOS DE PAZ
JUSTIÇA RESTAURATIVA COMO ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA JUVENIL
DIFICULDADES NA IMPLANTAÇÃO DA JUSTIÇA RESTAURATIVA NO SISTEMA
SOCIOEDUCATIVO
JUSTIÇA RESTAURATIVA E EDUCAÇÃO
JUSTIÇA RESTAURATIVA NAS ESCOLAS

BIBLIOGRAFIAS

- GRAF, P. M. Circulando relacionamentos: a justiça restaurativa como instrumento de empoderamento da mulher e responsabilização do homem no enfrentamento da violência doméstica e familiar. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2019.
- CDHEP – Centro de Direitos Humanos e Educação Popular do Campo Limpo. Relatório Final do Projeto. Novas Metodologias de Justiça Restaurativa com Adolescentes e Jovens em Conflito com a Lei. Justiça Restaurativa Juvenil: conhecer, responsabilizar-se, restaurar. São Paulo: CDHEP, 2014. Disponível em: http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/justica_restaurativa/justica_restaurativa_juvenil_2014.pdf. Acesso em: 30 set. 2019.
- ASSUMPÇÃO, C. P. de A.; YAZBEK, V. C. Justiça Restaurativa: um conceito em desenvolvimento. In: PAULINO, R. S. (Org.). Justiça restaurativa em ação: práticas e reflexões. São Paulo: Dash, 2014.

DISCIPLINA:

INTELIGÊNCIA PSICOMOTORA A COMPREENSÃO DA RELAÇÃO CORPO/MENTE NA APRENDIZAGEM

RESUMO

Cérebro. Muitas pessoas podem sentir-se desafiadas por uma simples palavra, pela complexidade existente por trás dela, das sinapses, dos neurônios, das regiões cerebrais e suas funções, de toda a estrutura complexa que emana do cérebro. Nesta disciplina vamos compreender que hoje sabemos muito das suas características e especificidades e podemos associar a maioria das nossas ações ao controle que o cérebro impõe ao nosso corpo.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO
NEUROFISIOLOGIA DO COMPORTAMENTO MOTOR
PLANEJANDO AS AÇÕES
AÇÃO E RESULTADO
DISFUNÇÕES QUE PREJUDICAM O CÉREBRO

AULA 2

INTRODUÇÃO
COGNIÇÃO
O CÉREBRO E A APRENDIZAGEM

CONTROLE MOTOR E SUAS IMPLICAÇÕES NA APRENDIZAGEM
MOVIMENTO E APRENDIZAGEM

AULA 3

INTRODUÇÃO

PRIMEIRA UNIDADE: ALERTA E ATENÇÃO

SEGUNDA UNIDADE: CODIFICAÇÃO

TERCEIRA UNIDADE: EXECUÇÃO MOTORA, PLANIFICAÇÃO E AVALIAÇÃO

CAMPOS PSICOMOTORES

AULA 4

INTRODUÇÃO

FASES MOTORAS REFLEXA E RUDIMENTAR

FASES MOTORAS FUNDAMENTAL E ESPECIALIZADA

HABILIDADES MOTORAS RUDIMENTARES

HABILIDADES MOTORAS FUNDAMENTAIS

AULA 5

INTRODUÇÃO

CRESCIMENTO PRÉ-NATAL E INFANTIL

REFLEXOS INFANTIS E ESTEREOTIPIAS RÍTMICAS

CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO NA INFÂNCIA

DESENVOLVIMENTO PERCEPTIVO-MOTOR

AULA 6

INTRODUÇÃO

BRINCADEIRAS PARA ESQUEMA CORPORAL

BRINCADEIRAS PARA LATERALIDADE

BRINCADEIRAS PARA ESTRUTURAÇÃO ESPACIAL

BRINCADEIRAS PARA ESTRUTURAÇÃO TEMPORAL

BIBLIOGRAFIAS

- TANI, G. et al. Pesquisa na área de comportamento motor: modelos teóricos, métodos de investigação, instrumentos de análise, desafios, tendências e perspectivas. Revista da Educação Física, Maringá, PR, 3. trim. 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/9254/0>. Acesso em: 15 set. 2019
- OLIVIER, L. de. Distúrbios de Aprendizagem e de Comportamento. 7. ed. Rio de Janeiro: WAK, 2018.
- OLIVEIRA, D. et al. Aprendizagem e desenvolvimento motor: A estimulação de habilidades motoras como ferramenta no processo de intervenção em pedagogia Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2017.